

Grelha de Análise de Conteúdo Entrevista Vereadora da Educação da Câmara Municipal de Rio Maior

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
<p>1. Inclusão</p>	<p>1.1. <i>Domínio do conceito</i></p>	<p>“(…) é cruel tratar de forma igual o que é desigual, porque não é o estar no espaço físico igual que efetiva a integração.”</p> <p>“Quando nós falamos numa ação social, estamos a falar de inclusão, por exemplo.”</p> <p>“Parece-me que há alunos, infelizmente, que não têm condições cognitivas nem motoras para ter este tipo de integração mas há outros que teriam capacidades para uma formação profissional. Eu sou apologista que todos nós temos capacidades.”</p> <p>“Teremos de nos respeitar mutuamente. Eles estão no nosso meio, isso implica também alguma adaptação da parte deles às nossa regras. Por exemplo, em relação à etnia cigana, se nós os respeitamos, na sua cultura, eles também têm que respeitar a maioria, digo eu.”</p>
	<p>1.2. <i>Público-alvo</i></p>	<p>“Temos as comunidades de ciganos, começa a haver indianos (...)”</p> <p>“Temos um grande grupo de imigrantes de Leste (...)”</p> <p>“Os problemas [socioeconómicos] talvez sejam mais das famílias locais e não das minorias.”</p> <p>“Os idosos também, que não sendo uma minoria, mas que também são alvo das nossas atenções.”</p>
	<p>1.3. <i>Compreensão das necessidades</i></p>	<p>“O lar residencial sim, mas porque é que não criamos condições para os colocarmos na vida ativa?”</p>

		<p>“O problema do insucesso e do abandono escolar, embora muito residual em Rio Maior, o que existe é respeitante à etnia cigana, mas tem muito a ver com questões culturais (...).”</p> <p>“Temos problemas sócio económicos e de famílias desestruturadas, graves. A tónica da crise, os problemas de desemprego, que é verdade que existem. Muitas delas já foram acompanhadas pelos serviços sociais da Câmara (...).”</p> <p>“(…) houve famílias que sofreram, (….) com os problemas da crise, do desemprego, dos encargos económicos que tinham assumido, cujos filhos alteraram o seu comportamento. As crianças também sentem as angústias dos pais, e isso reflete-se no seu sucesso ou não.”</p> <p>“Já começa a haver nas nossas escolas, (….) episódios algo preocupantes, até porque vivemos numa sociedade em que já não há modelos, não há regras (...). Não há um acompanhamento, não há autoridade [modelos de autoridade].”</p>
	<p>1.4. <i>Perspetiva sobre a inclusão</i></p>	<p>“É uma questão que foi muito contestada em tempos, (...), que é a questão do emprego protegido (...).”</p> <p>“(…) deveria haver uma formação, criar equipas de trabalho, pois há alunos que conseguem perfeitamente ser úteis à sociedade e felizes a fazer algo adequado às suas capacidades.”</p> <p>“Não são um grupo fechado, os jovens estão perfeitamente integrados nos eventos e atividades de Rio Maior e familiarizados com a cultura. (...) assumiram Portugal e a comunidade de Rio Maior como a sua terra. Opinam sobre o País, o que acham que está mal, o que acham que é melhor... têm sentido crítico e isso é bom.”</p>

		<p>“Nós temos minorias étnicas, parece-me que tentamos chegar a eles e a melhor forma é através das escolas. Mas temos de pensar se eles querem ou não ser ajudados.”</p> <p>No caso das minorias desviarmos a nossa atenção apenas para essas minorias, não me parece muito correto, assim tornam-se o centro das nossas prioridades e às vezes o processo surge um bocadinho invertido. (...) focamo-nos em demasia nas minorias e esquecemo-nos que vivemos numa comunidade e que tem de haver regras gerais em todos os aspetos que dizem respeito ao público em geral.”</p> <p>“Vejo-as muito ligadas aos seus hábitos, modo de vestir, não me parecem que nos choquem, a mim, pessoalmente, nada. Não causam distúrbios, o que é muito importante, parece-me que vivem como qualquer cidadão e perfeitamente adaptados.”</p> <p>“Da parte dos nossos mais jovens, há uma boa aceitação da diferença, não só da criança portadora de deficiência, mas também de outras culturas e etnias. Não me parece que hajam problemas de integração por parte dos outros colegas, nem da etnia cigana. Quando são mal comportados é diferente, mas isso também acontece com os outros (...).”</p>
	<p>1.5. <i>Iniciativas de carácter inclusivo</i></p>	<p>“Através dos serviços de ação Social temos a preocupação de saber se as crianças estão matriculadas nas nossas escolas. Aparentemente alguns estão em idade pré-escolar. Fui informada que há meninos destas comunidades matriculados nas nossas instituições educacionais.”</p>

		<p>“(…) temos um programa (…) que visa a promoção do sucesso educativo. As escolas tiveram de se candidatar, (…) através de uma plataforma em que tinham de escrever as medidas que pretendiam implementar. Tendo, como população alvo, algumas destas minorias.”</p> <p>“(…) é intenção da Tutela (…) que haja envolvimento das Autarquias na promoção do sucesso educativo. (…) Reunimos as três direções, dos dois agrupamentos e a da Escola secundária, no sentido de sabermos o que as Escolas poderiam fazer, como intervirem nos diferentes problemas detetados, com os seus recursos e o que é que a autarquia poderia fazer para posteriormente fechar o ciclo da intervenção.”</p> <p>“Uma das coisas que ficou decidido foi que a intervenção de uma psicóloga nas escolas não seria apenas a psicóloga educacional, mas mais uma intervenção clínica.”</p> <p>“As escolas poderão candidatar-se a psicólogos clínicos, terapia da fala – a ideia da terapia da fala é que se intervenha nos grupos etários mais jovens e no pré-escolar. (…) Trabalhar numa ótica de prevenção no pré-escolar e 1º Ciclo.”</p> <p>“Seria mais do que um técnico de cada especialidade e, inclusivamente assistentes sociais para intervirem diretamente com as famílias. (…) nós queríamos um trabalho mais centrado nas escolas. (…) também gostariam de equipar as escolas de mais alguns equipamentos ligados às TIC, para diversificar cada vez mais os momentos de aprendizagem na sala de aula (...). Ficou combinado que a Autarquia faria esse investimento, que é mais um investimento naquilo que é a população de Rio Maior e no futuro da Comunidade.”</p>
--	--	---

		<p>“Penso que em todas as Câmaras municipais há sensibilidade para acudir e incluir as minorias. (...) custa-me a crer que haja Câmaras que não tenham de todo esta sensibilidade. As pessoas vivem cada vez mais para si e para os seus, então terão de ser cada vez mais as instituições a ajudar. Até porque o futuro é cada vez mais constituído por minorias (...). Cada vez será maior o investimento na dimensão humana, sem resultados a curto prazo, mas que cada vez mais é necessário. É um investimento, por vezes quase invisível e algo ingrato, exatamente por os resultados advirem a médio e longo prazo.”</p> <p>“(...) a semana da Solidariedade não é mais do que envolvermo-nos no apoio às minorias ou a alguns grupos da nossa sociedade mais carenciados ou que precisam mais da nossa atenção. Os idosos também, que não sendo uma minoria, mas que também são alvo das nossas atenções. A Câmara promove atividades junto dos Centros de dia e dos lares de idosos.”</p>
<p>2. Balanço</p>	<p>2.1. <i>Evolução</i></p>	<p>“(...)em Rio Maior ainda não se vê o prosseguimento de estudos, tanto para meninas como para meninos [de etnia cigana], mas há um caminho já percorrido. Lembro-me que há 10 anos, ainda eu estava no ensino especial, era muito difícil que estes alunos frequentassem a escola e agora parece-me que isso já é uma prática.”</p> <p>“(...) assiste-se a uma verificação do material que fica e reaproveitar. (...) os pais adaptaram-se, os manuais passam entre irmãos, o material escolar é reutilizado. (...) Isso é, parece-me, uma consequência positiva desta crise. Encontrou-se outro tipo de material escolar, mais duradouro, para ser reutilizado.</p>

	<p>2.2. <i>Constrangimentos</i></p>	<p>“(...) [alunos portadores de deficiência] entidades escolares fazem tudo o que está ao seu alcance no processo de acompanhamento, mas parece-me que chega a uma altura da vida escolar desses alunos, há um corte radical. É como se deparassem com uma barreira! (...) O que fazer com estes alunos?”</p> <p>“Para uma família isto é uma dor de cabeça. Senti-los integrados naquele meio e de repente: o que vamos fazer? Ficam em casa? Eles também têm competências que podem desenvolver e explorar e capacidades para fazer algo. Neste momento parece-me que há aqui um abismo, entre o final de um determinado percurso e a continuação para uma outra fase, para a vida ativa, digamos assim.”</p> <p>“Um aluno que (...) acompanha um grupo escolar até ao 12º ano, como existem alunos na escola Secundária, surge a interrogação: “o que fazer a estes alunos?”.”</p> <p>“(...) não existe inclusão pura e dura. Andam na escola, e depois chegados ao fim, o que vamos fazer? Aí partimos para a clausura ...”</p> <p>“Os fatores culturais, religiosos e étnicos. É o que há pouco falámos. Conhecem muito bem os direitos, mas os deveres, onde estão? A própria minoria constitui-se como o próprio obstáculo. Por outro lado e a nível de política do país, do governo, parece-me que regredimos um pouco. Existem diretrizes legislativas que neste momento impedem uma maior abertura para o outro, a lei é cega.”</p>
	<p>2.3. <i>Facilitadores</i></p>	<p>“Parece-me que da parte das nossas escolas, (...) têm sensibilidade suficiente para promover uma boa integração.”</p>

		<p>“As escolas souberam ajudar e resolver situações, sempre que se aperceberam e dentro do que têm ao seu alcance, para que os alunos não se sintam mal entre os pares. Ao mesmo tempo, e o que eu acho muito importante, as famílias começaram a poupar mais.”</p> <p>“Felizmente temos muito boas direções e muito humanas, com uma grande preocupação de chegar aos alunos, às famílias e ajudá-los.”</p> <p>“Parece-me que há sensibilidade local (...).”</p> <p>“(…) Conferência de S. Vicente de Paulo que dá muito apoio a quem dele necessita, imigrantes ou não de etnias ou não...”</p> <p>“(…) é uma instituição que as pessoas sentem como sua. O Centro de Educação Especial é uma instituição de portas abertas.”</p> <p>“A própria Conferência [de S. Vicente de Paulo] (...) tem um papel muito importante, (...) permite que seja muito bem recebida pela população em geral.”</p> <p>“(…) em Rio Maior felizmente, ainda temos disponibilidade para ajudar o próximo. Tem muito a ver ainda com as características rurais. O concelho e a cidade são rurais.”</p> <p>“O Centro de Educação Especial tem, por exemplo, parcerias com os dois agrupamentos e tem técnicos a trabalhar diretamente nas escolas. O mesmo Centro, através do CLDM faz um trabalho direto com as populações, com a ação social, com as nossas escolas. Conseguem ter uma rede muito bem orquestrada (...).”</p> <p>“A própria Misericórdia, com o projeto Feliz, tem agora uma boa intervenção local.”</p>
--	--	--

		<p>“(…) na nossa comunidade (…) a grande mais valia é que as diferentes instituições conseguem sentar-se todas à mesa, dão a cara e definem estratégias. Isso é muito bom. (…) apresentam as dificuldades e procuram soluções. Todo o suporte social que se conseguir para muitos destes casos é muito importante.”</p> <p>“Os parceiros trabalham no terreno de igual para igual. É sempre avaliado qual é o contributo que cada instituição pode dar. Depois faz-se a gestão e parte-se para a intervenção, dentro daquilo que é o trabalho de cada um para contribuir para…”</p> <p>“As direções são pessoas e pessoas sensíveis a estas problemáticas. Não há nada como ter a porta aberta e uma vontade de dialogar. Chega-se à altura da formalização de qualquer objetivo, facilmente nos sentamos à mesa. Facilmente estamos disponíveis para ajudar e dialogar. “</p> <p>“De momento parece-me que este é muito positivo, além da enorme sensibilidade existente da parte das pessoas. Temos uma população aberta. As instituições pouco fazem sem a envolvimento da própria comunidade.”</p>
	<p>2.4. <i>Pontos de melhoria</i></p>	<p>“A nível de educação, ainda há muito para fazer nas aprendizagens das nossas turmas e jovens. (…) a nível de uma aprendizagem informal, acho que há muito para fazer. Até enquanto cidadãos e enquanto formação dos cidadãos. (…) há uma grande discrepância entre os nossos deveres e os nossos direitos. (…) bem como o sentido de pertença, que é muito importante, bem como o sentido de responsabilidade.”</p> <p>“A formação era muito importante ao nível da cidadania. Deveríamos promover mais este tipo de aprendizagens nas escolas.”</p>

<p>3. Instituição</p>	<p>3.1. <i>Elementos com responsabilidade direta na inclusão</i></p>	<p>“Há competências transferidas para os municípios, em termos de inclusão. Agora há medidas locais que se podem tomar e que têm a ver com a realidade do concelho e que partem da nossa iniciativa, consoante as necessidades que surgem.”</p> <p>“Nos Vereadores, tudo isto está bem definido. A inclusão é do meu pelouro (...). A ação social por exemplo está com a Senhora Presidente. São aspetos que estão interligados. Há vasos comunicantes e tem mesmo de ser assim. (...) toda e qualquer espécie de intervenção tem de assentar nessa premissa dos vasos comunicantes. “</p>
	<p>3.2. <i>Avaliação e formação interna</i></p>	
<p>4. Comunidade</p>	<p>4.1. <i>Comunicação</i></p>	<p>“(…) através dos meios informáticos disponíveis.”</p> <p>“Naquelas datas marcantes que existem a nível nacional e internacional, os vários sectores da Câmara assumem um papel e divulgam-no.”</p> <p>“se a Câmara enquanto instituição divulga o que faz... quando é necessário fá-lo. Agora que faça disso bandeira, não o faz. É uma questão de opção. Por outro lado, a exposição das situações pode ter várias leituras: exploração das situações familiares, aproveitamento político... A divulgação é importante, mas a discricção pelos problemas do próximo também são importantes.”</p> <p>“As coisas fazem-se e quer queiramos quer não elas divulgam-se, falam por si.”</p> <p>“(…) só procuramos quando precisamos e aí, informamo-nos e a informação está disponível.”</p>

	<p>4.2. <i>Perceção</i></p>	<p>“Penso que o cidadão tem noção do que as escolas fazem é muito importante. Têm a noção de que os serviços funcionam e de que as minorias existem. Existem e muito diversificadas.</p> <p>“Se falamos de minorias portadoras de deficiência há uma sensibilidade generalizada e aí é indiscutível que toda a gente tenta fazer o melhor, que por acaso lhe seja solicitado.”</p> <p>“(…) da etnia cigana, a população tem uma visão diferente e que é resultado de que eles são ajudados em tudo e não querem ajudar em nada, conhecem muito bem os seus direitos mas não reconhecem os seus deveres.”</p> <p>“(…) a própria população, muitas vezes critica as instituições ao sentirem-se preteridas em função dessas minorias.”</p> <p>“(…) aos imigrantes, nunca senti da parte da população algum obstáculo. Neste momento quem está, está e é parte integrante e os riomaiorenses consideram-no como tal.”</p>
--	-----------------------------	--